

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Ana Paula Nossol

**APRENDO PARA A ESCOLA OU PARA A VIDA? EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO  
SUPERAÇÃO DO ENCAPSULAMENTO ESCOLAR.**

Florianópolis

2020

Ana Paula Nossol

**APRENDO PARA A ESCOLA OU PARA A VIDA? EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO  
SUPERAÇÃO DO ENCAPSULAMENTO ESCOLAR.**

Trabalho Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação no Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para o Título de Licenciado em Educação no Campo – área de conhecimento Ciências da Natureza e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Camillo.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nossol, Ana Paula

Aprendo para escola ou para vida? / Ana Paula Nossol ;  
orientador, Juliano Camillo, 2020.  
41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis,  
2020.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. 2. Ensino Aprendizagem. 3. Educação  
do Campo. I. Camillo, Juliano. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Ana Paula Nossol

**APRENDO PARA ESCOLA OU PARA A VIDA?**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Educação do Campo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Florianópolis, 22 de janeiro de 2020.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Adriana Angelita da Conceição  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Juliano Camillo - Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Elizandro Maurício Brick- Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Marcelo Gules Borges - Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado em especial ao meu querido pai Guido Nossol (em memória), que infelizmente nos deixou antes desse sonho ser concretizado. Ao meu companheiro André Fagundes pelo carinho de sempre, a minha mãe Maria Aparecida Cordeiro Nossol e meus irmãos e irmãs pelo apoio para aguentar as dores, as tristezas e as alegrias dessa trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar condições e disposição para realizar este trabalho.

Agradeço, em especial, a Universidade Federal de Santa Catarina por possibilitar que o curso de Licenciatura em Educação do Campo fosse através da pedagogia de alternância, na qual pude cursar o ensino superior de forma gratuita e sem deixar meu município.

Agradeço aos meus professores e professoras do curso, aos colegas de turma, pelos anos de convivência e momentos que serão lembrados para sempre.

Agradeço, em especial, ao Professor Juliano Camillo a qual dedicou seu tempo e mostrou o caminho para que este trabalho se realizasse.

Agradeço às Escolas Denise Christiane Harms e Celso Ramos Filho, nas quais tive minha formação fundamental, e que pude estar lecionando nas atividades de estágio.

Agradeço minha família por ser minha motivação diária.

Agradeço aos amigos, que mesmo na falta de tempo não deixaram de me dar forças.

Agradeço a Ana Paula Nossol, dos 17 anos, que apesar das inúmeras inseguranças teve a coragem de agarrar essa oportunidade e graças a ela crescemos muito!

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema Aprendo para a vida ou para a escola, justamente como o objetivo de mostrar como a educação curricular influencia na relação ensino e aprendizagem e como os conteúdos tornam-se abstratos no cotidiano escolar. A escolha do tema surgiu mediante a experiência do estágio, onde a fala de um estudante tornou-se a inspiração para a elaboração deste trabalho; “estou no terceiro ano e não sei achar o valor de X”- (menina, 17 anos). Pretende-se com este trabalho analisar a realidade escolar e propiciar um repensar sobre os conteúdos escolares e sobretudo a razão pela qual devemos aprender. Entende-se que os processos históricos influenciaram na construção da nossa atual escola, com isso, através de um pequeno resgate histórico propõe-se pensar o porque o sistema escolar não está se modificando conforme as transformações sociais. Assim sendo, este trabalho de conclusão de curso vem evidenciar a importância de aprender para a vida, considerando de extrema importância o repensar sobre os métodos utilizados, pois, a escola sem ligação com a vida de seus (as) estudantes se torna abstrata de tal forma que os(as) estudantes não veem sentido do porquê aprender, dificultando a relação ensino aprendizagem. Sob essa perspectiva o presente trabalho traz a Educação do Campo como alternativa a essa educação do decoreba, onde a realidade do(a) sujeito (a) é justamente a base para a relação ensino e aprendizado.

**Palavras-chave:** Aprender, Educação do Campo, Ensino Aprendizagem.



## **ABSTRACT**

This essay has as a theme “Learn for life ou for school”, that has the goal to show how the curriculum education has a influence in the relation of teaching and learning and how the contents become abstracts in the school daily. The choice of theme came up in the middle of the intership experience, where the speech a student became the inspiration of the elaboration for this essay: “I can’t find the value of X” (girl, 17 years). The goal of this essay is to analyze the school reality and give the opportunity the rethink the school content, and above all the reason why we should learn. We understand that the historical process influence in the construction of our current schools, thus, through a small historical rescue, propose to think why the scholar sistem has not been modified with the social transformations. With that been said, the conclusion of this essay is to show the importance of learn in our lifes, considering extremely important to rethink the methods that has been used, because the school with no connection with the students life become so abstract that the students don’t understant the importance of learn, making it difficult the relationship between teaching and learning. With that perspective, the “Field Education” brings a alternative to the decorate the things taught, where the reality of the student It is precisely the foundation that brings meaning to the teaching and learning relationship.

**Keyword:** Learn, Field Education, Teaching Learning.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Material Didático - Produtos Notáveis.....	24
Figura 2- Exercício Produtos Notáveis.....	25
Figura 3- Salário Mínimo e a Matemática.....	26
Figura 4- Tarifas Telefônicas.....	26
Figura 5- Vidros recolhidos pela Comcap.....	32
Figura 6 - Museu do Lixo.....	33
Figura 7 - Lixo para uns, arte para outros .....	33
Figura 8 - Acampamento Licenciatura em Educação do Campo, turma 7 .....	35
Figura 9 - Analisando o cotidiano, achando o conhecimento .....	35

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso.

MEC- Ministério da Educação.

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCN- Parametros Curriculares Nacionais

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático.

SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica.

TU- Tempo Universidade.

TC- Tempo Comunidade.

Comcap- Autarquia de Melhoramento da Capital

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. CONHECIMENTO</b>	<b>E</b>
<b>CURRÍCULO</b> .....	15
1.1 Pequena análise histórica.....	15
1.2 As primeiras concepções de currículo.....	18
<b>CAPÍTULO 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM</b> .....	21
2.1 Ensino e aprendizagem.....	22
2.2 Algumas críticas ao ensino e aprendizagem.....	27
<b>CAPÍTULO 3. EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO QUE SEJA PARA ALÉM DA ESCOLA</b> .....	30
<b>CONCLUSÃO</b> .....	37
<b>REFERENCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

Sendo estudante de escola pública desde a pré escola, ao chegar no terceiro ano do ensino médio não tinha muita perspectiva de conseguir ingressar no ensino superior, justamente por residir em São Bento do Sul. A cidade, que apesar de ter um polo de universidade pública, não tinha nenhum curso que me chamasse a atenção, sendo a concorrência para uma vaga muito alta. Sempre tive bom desempenho e facilidade em aprender as disciplinas de exatas. Sabia que queria trabalhar com pessoas, mas não sabia o que fazer.

Em 2015, a escola de ensino médio onde estudei possibilitou uma visita a Universidade Federal do Paraná, que é universidade pública mais próxima do nosso município. Durante a visita, ao ver o estande da Licenciatura em Matemática, um dos veteranos do curso me falou que se eu queria trabalhar com pessoas e com números a Licenciatura em Matemática seria meu curso. Ao retornar ao município vi que apenas faculdades EAD teriam o curso de matemática. Não me interessei, pois mesmo sendo no município a questão de pagar mensalidade ainda seria um problema, porque minha família não tinha condições de bancar financeiramente o curso. Pensando na questão financeira, consegui um emprego de jovem aprendiz em uma farmácia, e uma das rotinas eram identificar a formação dos farmacêuticos da loja. Uma das farmacêuticas se formou pela Universidade Federal de Santa Catarina, e sonhava como seria se tivesse condições de me manter em Florianópolis e também conseguisse passar no vestibular, pois, a UFSC tem fama de ser muito concorrida e as provas muito difíceis. Após esse episódio, coincidentemente, tivemos a visita de um homem que foi divulgar um vestibular na escola, lembro-me como se fosse hoje, o rapaz entrou falou com toda a calma e explicou como tudo seria: aulas concentradas em Florianópolis. O resto do ano letivo seria em Rio Negrinho, município vizinho. Não entendi direito quanto às disciplinas, porque ao ver no panfleto a palavra matemática meu cérebro bloqueou o resto, só me concentrei que essa seria a minha chance. Me inscrevi no vestibular mas não tinha tempo para estudar, pois estudava no ensino médio no período matutino e a tarde e noite trabalhava, inclusive aos finais de semana. Os professores alertaram que por ser um vestibular voltado para quem já era docente a

concorrência seria muito grande, com essa colocação resumi minha expectativa apenas a participar do vestibular como teste. Fiz o vestibular e para minha surpresa passei como terceira colocada, pois, exatamente os conteúdos que foram abordados ao decorrer do terceiro ano estavam nas questões do vestibular. E o homem que foi divulgar o vestibular se tornou meu professor.

Aos poucos adquiri conhecimento do que é a Educação do Campo, que tem toda uma história de luta e resistência para além das disciplinas, visto que só consegui acessar a universidade pública graças a luta de tantas pessoas para que o curso utilizasse o regime da alternância. Esse, para além dos conhecimentos científicos, permite que estudemos nossa realidade de maneira mais aprofundada. Desta forma, ver que as Ciências da Natureza e Matemática só se tornaram disciplina curricular a partir das vivências de inúmeras pessoas, através de muitos anos, até se configurar a maneira que ensinamos no currículo escolar.

Passaram-se as fases do curso e, após muitos conhecimentos adquiridos para conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), chegamos na etapa dos estágios. No ensino fundamental II e no ensino médio, a disciplina de Estágio Docência na área de Ciências da Natureza e Matemática no Ensino Médio nas Escolas do Campo III, teve como proposta metodológica a busca por falas significativas que demonstram ou retratam alguma situação do cotidiano escolar. De todos(as) os(as) envolvidos (as) da comunidade escolar com quem tive contato e que pude evidenciar alguns pontos a serem trabalhados na perspectiva do estágio, mas, no caso em questão, para a realização do presente trabalho, destaco a relação ensino e aprendizagem, que se tornou minha temática a ser investigada.

Realizei as atividades de estágio em uma escola estadual de ensino médio, no município de São Bento do Sul, a qual atende cerca de 900 estudantes, nos períodos matutino, vespertino, noturno e possui o projeto ensino inovador. Acompanhei os (as) professores (as) das disciplinas na área de Ciências da Natureza e Matemática, com os quais pude identificar que os processos de ensino e aprendizagem vão para além dos conhecimentos que adquirimos na graduação. A relação que se estabelece com os(as) estudantes é primordial no sentido que o(a) educador(a) torna-se o(a) motivadora desse processo, pois o(a) docente se torna em muitos casos o ponto de referência e que o(a) estudante depende desse incentivo. Entretanto, os(as) estudantes deveriam ter essa motivação não somente do(a) profissional mas, de todos e

todas com quem convive, como sua família, seus(as) amigos (as) e seus próprios colegas. A relação ensino aprendido (ensino aprendido com ou sem -) corresponde a união entre direitos e deveres colocadas a cada ator (estudante e professor) envolvido nesse processo.

Após as observações, tive o momento de docência onde oportuneizei momentos para que as falas significativas surgissem. Os(as) estudantes foram instigados a resolver algumas questões relacionadas a Ciências da Natureza e Matemática, questões aplicadas em vestibulares e Enem, e que poderiam pedir auxílio no que achassem necessário, quando surgiam as dúvidas. Notei que os (as) estudantes tinham receio em perguntar. Ao questioná-los do porque esse receio, dentre a respostas destaco:

“Muitas vezes somos julgados por nossas perguntas, ainda mais quando já estudamos o conteúdo e continuamos sem entender.” (MENINA, 17 anos).

Nese momento, surgiram algumas reflexões:

Como sabemos que "ensinamos" se os(as) estudantes não conseguem fazer aplicação de tal conhecimento em outras situações para além da escola? Qual a “responsabilidade” dos (as) envolvidos(as) nesse processo? O atual sistema escolar possibilita formas para que os(as) personagens dessa relação possam autogerir a relação de ensino aprendizagem? (responder minimamente essas perguntas la no final...)

Visto que a relação ensino aprendizagem é alvo de muitos estudos, vejo a necessidade de enquanto futura educadora do campo aprofundar meus conhecimentos em relação ao processo de ensino e aprendizagem. De alguma forma, os capítulos do presente trabalho são possibilidades de identificar o porque os conhecimentos adquiridos na escola nas áreas das Ciências da Natureza e Matemática não se tornam conhecimento para a vida.

O trabalho que aqui apresentamos tem como problema central o fenômeno de que as aprendizagens ocorridas dentro da escola servem, em geral, para a própria escola, ou seja, de que aquilo que se aprende na escola muitas vezes não é levado para além dela. Por que aquilo que aprendo na escola não sai das dependências da mesma?

Modestamente, e considerando a amplitude de um TCC, o presente trabalho propõe ensaiar algumas possibilidades para compreender o motivo pelo qual os conhecimentos escolares são “circulares” ou se encerram em si mesmos. Com isso o presente trabalho tem como objetivos específicos expor as influências do processo histórico da educação, através de um breve resgate histórico e de análise de materiais pedagógicos, discorrer como a

problemática da relação ensino e aprendizagem está diretamente ligada a educação manualesca, bem como propor a Educação do Campo como possível método para a aprendizagem significativa.

O TCC está organizado em 3 capítulos. O primeiro apresenta uma pequena análise histórica na qual discute as influências históricas na relação ensino e aprendizado bem como os primeiros formatos de currículos e as prioridades nas áreas de ensino. No segundo capítulo, a relação ensino e aprendizagem está como o foco, na qual trago e relato como os objetivos educacionais do ensino fundamental no Brasil e as formas avaliativas intervêm na relação ensino e aprendizagem. O terceiro capítulo se constitui como uma crítica a essa educação homogênea criada para atender a demanda de educação em larga escala, e apresenta a Educação do Campo como sugestão e saída para essa problemática.



## **1. Conhecimento e Currículo**

Conhecimento é algo que perpassa todas as atividades humanas. Ele permite organizar a vida cotidiana e explicar o mundo em vivemos nas mais diferentes épocas. Por exemplo, na forma de astronomia, que ao dar sentido ao tempo e ao espaço, permitia o domínio da agricultura; das lendas, que permitiam dar sentido à existência de grupos humanos e assim por diante.

Todos os conhecimentos adquiridos pela humanidade e os quais temos acesso, nem sempre foram organizados, pois, nem todos os povos de diferentes períodos históricos viam essa necessidade, aos que organizavam essa organização sofreu inúmeras mudanças formas conforme os períodos históricos, bem como quem teria o direito de acessar esses conhecimentos (diferentes interesses sociais). A denominação currículo, conforme Lopes (2011, p.20), data de 1633, quando ela aparece nos registros da Universidade de Glasgow, Referindo-se ao curso inteiro seguido pelos estudantes, o currículo dizia respeito a organizar a experiência escolar de sujeitos agrupados, característica presente em um dos mais consolidados sentidos de currículo. O mesmo variou conforme as mudanças e interesses sociais até chegarmos ao modelo que temos hoje, assim como todo processo nas relações humanas, o currículo não é estático e utilizando de um pequeno resgate histórico pude constatar que as características que temos como naturalizadas no currículo são frutos de processos e interesses. Vejamos:

### **1.1. Pequena análise histórica sobre a relação ensino e aprendizagem**

Quando nascemos somos inseridos em um cultura. São nos ensinados costumes, hábitos, formas de comportamento. Nossas ações individuais e coletivas são baseadas naquilo que aprendemos ou tivemos acesso de forma direta ou indireta. Aprendemos como a sociedade está organizada e o papel que desempenhamos nela. Para ensinar essas diferentes formas de viver nossos (as) antepassados (as) foram adaptando-se ao mundo e ensinando as novas gerações, até chegar a organização a qual temos hoje. Pensando especialmente na questão da educação, irei analisar alguns pontos na história das formas de transmissão de conhecimento até chegar a organização de escola que temos hoje.

Desde o Paleolítico quando surgiram as primeiras ferramentas de trabalho, as tribos formaram as primeiras organizações grupais, e nessas organizações passavam-se os conhecimentos para as crianças através das atividades cotidianas. Tinha-se a noção de que esses conhecimentos eram necessários para sua subsistência. O conhecimento era adquirido através do cotidiano na tribo, no trabalho, no modo de agir e de se portar, e, também, nos costumes religiosos. A educação tinha sempre relação com o dia a dia de cada criança. Para Lima e Silva (2012):

“A educação entre os povos primitivos foi fundamental para o início do desenvolvimento educacional da humanidade. Como exemplo básico dessa forma de educar, é possível citar as sociedades primitivas localizadas no centro da África, que se educavam de uma maneira peculiar e heterogênea por meio da Educação Difusa ou, como também era chamada, educação por imitação, processo em que os jovens e crianças repetiam os gestos praticados pelos adultos, desenvolvendo assim, habilidades e técnicas necessárias ao seu dia a dia.” (LIMA E SILVA, 2012, p.16)

A partir dos conhecimentos práticos o cotidiano das crianças fez-se sua escola baseada em suas necessidades e considerando seu contexto histórico social. Pensando que as crianças precisavam aprender justamente para garantir sua subsistência, o trabalho se caracteriza como fator, pois a partir dele é que o ser se integra com o meio e supre suas necessidades.

Essa concordância entre os primeiros modos de ensinar e o trabalho gerou o conceito do trabalho como princípio educativo, como explicita Frigotto, Ciavatta e Ramos (2010, p.2):

“O trabalho como princípio educativo vincula-se, então, à própria forma de ser dos seres humanos. Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. E é pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e “educativo”

Pensando especificamente no contexto brasileiro, segundo Hilsdorf (2003) existiam as organizações tribais que sofreram o processo de aculturação pela sociedade portuguesa, isso fez com que muitas formas de organização e ensinamentos fossem perdidas e substituídas por novos métodos de educação do povo português, sem ter relevância com o cotidiano dos povos. Outra ruptura cultural, aconteceu com o povo africano, que foi

escravizado a fim de suprir as demandas de trabalho e subsistência dos nobres portugueses. Em condições desumanas, o povo africano que veio para o Brasil tentou manter sua cultura nessas condições precárias, algumas que temos conhecimentos até hoje, como as crenças religiosas que deram origem às religiões afro-brasileiras. Em relação aos indígenas temos grupos que resistiram para manter sua cultura, seus costumes e tradições, acima de qualquer influência.

A miscigenação das culturas, o acesso e o modo como os conhecimentos eram passados às crianças das diversas culturas no Brasil fez com que a escola fosse heterogênea, entretanto pensada a partir dos costumes Igreja Católica e com uma estrutura definida onde um detentor do conhecimento ensinaria as crianças (que podiam ter acesso a educação, visto que muitas crianças indígenas e africanas que se encontravam na condição de escravidão não tinham acesso). Nossa configuração de escola em seus moldes tem como base as missões jesuítas, os quais foram os únicos educadores no Brasil por cerca de 200 anos. Seus principais objetivos enquanto educadores era ensinar a atividade de escrita e leitura, assim formaram escolas que ficaram conhecidas por sua excelência. (HILSDORF, 2003)

A primeira lei a pensar uma educação básica para todos estava na Constituição de 1824, onde assegurava uma instrução primária e gratuita de acesso a todos os cidadãos, e posteriormente a lei de 15 de outubro de 1827, onde atribui a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades e vilas, envolvendo as três instâncias do Poder Público. Entretanto não houve aplicação desta lei, descentralizado-se a responsabilidade do governo central, não ocorreu a universalização do ensino fundamental, criando disparidades do ensino entre as classes dominantes e os (as) filhos (as) dos(as) trabalhadores (as).

Ainda, conforme Hilsdorf (2003), após a Primeira Guerra Mundial o país passa por transformações sociais e com elas mudam-se o panorama da educação, educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, baseados nos ideais da Escola Nova sintetizam em um documento tais ideias e o papel do Estado em relação a educação do país. Este documento ficou denominado como o Manifesto dos Pioneiros (1932). Entre a queda do Estado Novo até o Golpe Militar em 1964, algumas mudanças foram significativas, como: a criação de campanhas e movimentos de alfabetização de adultos, e a expansão do ensino primário e superior.

A Constituição de 1988, trouxe compromissos para com a educação, como a universalização do ensino fundamental e erradicação do analfabetismo, situação que se prolonga até hoje, pois, ainda temos cidadãos brasileiros analfabetos. Após a Constituição de 1988, criaram-se leis pensadas para a educação como a Lei de Diretrizes e Bases, na mesma consta os objetivos do ensino fundamental no Brasil que tem por objetivo:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidade e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Para que o aprendizado e os outros pilares objetivos do ensino fundamental sejam cumpridos, necessitamos de uma organização escolar. No Brasil as organizações escolares tem autonomia em se adequar conforme a sua realidade, segundo os Parâmetros Comuns Curriculares (.....). As escolas podem se organizar em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados com base na idade, competência e em outros critérios, sempre que for interesse do processo de aprendizagem. Também os calendários escolares podem ser estabelecidos de forma a adequar-se às peculiaridades locais.

Entretanto por sermos socialmente históricos nossos atuais currículos tem como base a evolução dos mesmos, e em nossas instituições escolares não colocam essas especificidades como algo relevante para a relação ensino e aprendizagem, padronizando assim o calendário escolar e seu currículo.

O currículo tem por definição ser a organização dos conhecimentos escolares, vejamos como o mesmo se transformou com o passar da história e suas influências na relação ensino e aprendizagem.

## 1.2. As primeiras concepções de Currículo

Em relação a questão de organização das formas de adquirir conhecimento é na Idade Média que temos os primeiros registros: a organização nas escolas monásticas, catedrais e nas primeiras universidades onde os castigos e as formas de compensação e as avaliações se constituíram inicialmente. Conforme Ribeiro et al. (2018), as primeiras escolas eram destinadas aos filhos de nobres, denominados leigos cultos, com seu currículo voltado às sagradas escrituras, tinham como objetivo ensinar a escrever, conhecer a bíblia, aritmética elementar, latim, gramática retórica e dialética. Outra forma de organização de currículo foi na Escola Palatinas, por volta de 787:

“Escola Palatina surge sob orientação de Carlos Magno, seu currículo constavam as sete artes liberais divididas em trivium (as disciplinas formais: gramática, retórica, dialética) e no quadrivium (disciplinas reais: aritmética, geometria, astronomia, música, e, mais tarde, a medicina.)”. (RIBEIRO et al., 2018)

Conforme Hilsdorf (2003) apesar de ficar conhecida como idade das trevas o período da Idade média motivou inúmeras mudanças na área do conhecimento. Com o período das navegações podemos constatar que houve evolução nas áreas culturais e transformações sociais. O objetivo de dominação passou a ser implantado por meio da “fé”. Nosso país foi um dos exemplos de exploração no qual, a partir da catequização dos nativos é que se instaurou o modelo social advindo de Portugal e com eles seu sistema de produção e aquisição de conhecimento, simplificando que os(as) nativos não possuíam conhecimento e seu modo de organização não seria o correto perante as Sagradas Escrituras.

No período da Idade Moderna, a visão passa do teocentrismo para a visão humanista, onde os pensamentos e construção do saber estão totalmente voltados a vivência e interação dos homens (dos povos) sem fazer ligações com os dogmas religiosos. Com essa visão buscou-se as respostas ao meio natural, corroborando para os modos de vivência e de produção do Capitalismo, passando a atender os interesses da classe burguesa.

Quanto às transformações mais significativas para a educação nessa trajetória histórica, a Reforma Protestante com o intuito de modificar as práticas nas Igrejas e com ela a necessidade de se tornar acessível a todos o acesso às Sagradas Escrituras para ler, compreender e interpretar as mesmas (rever a escrita da frase..). Tendo assim a necessidade

de uma educação que possibilitasse a todos o direito ao conhecimento, uma educação pensada a todos sem divisão de classes. Parafraseando Russo (2012, p.30), para Lutero, a educação é tarefa igualmente secular e religiosa. Sendo assim, educar é um dever dos pais e uma responsabilidade do Estado. Aos primeiros, cabe à educação moral dos filhos, dando-lhes a oportunidade de adquirir um bem maior, qual seja, a salvação. Negligenciar esse dever seria incorrer em pecado. Ao Estado, cabe a educação formal, mediante a instauração, sustentação e o controle da escola pública, gratuita e obrigatória para todos.

A organização curricular viveu transformações conforme a sociedade também se transformava, visto que é fruto de processos históricos. Conforme Gesser (2002) o currículo, nos anos anteriores a 1900, enfatizou valores baseados nas tradições históricas do ocidente. Nos anos que precederam o século XIX, o currículo foi centrado basicamente em desenvolvimento de habilidades profissionais. Essas tradições ainda eram muito ligadas a moral, ao disciplinar sob a perspectiva da vida cristã, com disciplina severa que seria a função dos pais e os professores seriam os transmissores dos conteúdos encontrados nos clássicos da cultura ocidental em disciplinas já consagradas pela tradição.

Sob perspectivas Iluministas, Gesser (2002) retrata que alguns educadores levantaram a questão de que educar com base nos clássicos não seria suficiente, deviam estar centrado nas experiências de vida e observação. Com essas colocações, o currículo passa a ter como base os métodos científicos e as experiências a fim de estabelecer formas devidas para o convívio social.

O modelo curricular brasileiro tem como referência a obra *The Curriculum*, de Bobbitt, na qual Eugenio (2006) caracteriza que a ênfase está na construção científica de um currículo que desenvolvesse os aspectos da personalidade adulta então considerados “desejáveis”, preconizando a especificação de objetivos e seus respectivos conteúdos, que o currículo firma-se como campo de estudos e de reflexão. Tendo essa base, o currículo brasileiro foi pensado nos princípios da razão, eficácia e ordem, a fim de suprir as necessidades da sociedade capitalista, e o ensino primário ficou organizado de forma restrita ao ensino da leitura, escrita e cálculo, isso até 1920, conforme Eugênio (2006). Após esse período muitas mudanças ocorreram, muitos pensadores tinham como definição que o currículo deveria ser um processo elaborado pela escola ao qual seguiria para toda a vida das crianças, que deveria ser centrado em atividades, projetos e problemas e, antes de tudo, ser

extraído das atividades naturais da humanidade. Mas somente experiências positivas devem ser selecionadas (EUGENIO, 2006).

Levando em consideração todo o processo histórico, o Ministério da Educação (MEC) criou os Parâmetros Comuns Curriculares- PCN'S, com objetivo de garantir que todos(as) estudantes do país teriam acesso ao conjunto básico de conhecimento, oferecido pelas escolas. Não sendo uma regra os PCN's servem como parâmetros para as escolas e professores(as). Os Parâmetros Curriculares Nacionais nascem da necessidade de se construir uma referência curricular nacional para o ensino fundamental que possa ser discutida e traduzida em propostas regionais nos diferentes estados e municípios brasileiros, em projetos educativos nas escolas e nas salas de aula. E que possam garantir a todo aluno de qualquer região do país, do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural, que frequentam cursos nos períodos diurno ou noturno, que sejam portadores de necessidades especiais, o direito de ter acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção de sua cidadania. (BRASIL, 1998, p.3).

Entretanto cabe a incógnita, como se possibilita de forma efetiva esse acesso aos conhecimentos? A construção da cidadania se dá através da reprodução da sociedade em sala de aula? Ou é por meio desses parâmetros que a sociedade é transformada?

Para aprofundar essas questões faz-se necessário entender como o currículo está posto no cotidiano escolar, seu “formato” metodológico padrão em transmitir/professar o conhecimento, exercitar e avaliar o desempenho dos(as) estudantes são ações suficientes para defender que efetivamente ocorreu o aprendizado?

## **2. CONSIDERAÇÕES SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Neste capítulo buscamos trazer algumas considerações sobre o processo de ensino aprendizagem e sua relação com a avaliação. As questões que apresentamos no final do primeiro capítulo se tornam orientadoras no processo de ensino e aprendizagem, e é por seu intermédio que podemos entender se aprendemos para a vida ou apenas para mostrar ao sistema escolar que aprendemos. No presente capítulo faz-se uma análise acerca dos objetivos no ensino fundamental no Brasil, bem como uma breve análise de um livro didático a fim de exemplificar que os conteúdos estudados não vão para além da sala de aula.

## 2.1. Ensino e aprendizagem

Para compreender essas problemáticas, segue a análise dos objetivos do ensino fundamental no Brasil, descritos na Lei de Diretrizes e Bases- LDB:

I - o desenvolvimento da **capacidade de aprender**, tendo como meios básicos o **pleno domínio** da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente **natural e social**, do **sistema político**, da tecnologia, das artes e dos **valores em que se fundamenta a sociedade**;

III - o desenvolvimento da **capacidade de aprendizagem**, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidade e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos **vínculos de família**, dos laços de **solidariedade humana** e de **tolerância recíproca** em que se assenta a vida social.”

Os objetivos I e III retratam o ato de aprender que tem por significado a ação de adquirir (e produzir) conhecimento e para essa aquisição de conhecimentos necessitamos da prática através do estudo, mas essa prática precisa de métodos para que esse aprendizado ocorra. Os(as) docentes têm sua liberdade para pensar esses métodos, entretanto essa liberdade é limitada, pois, depende de inúmeros fatores externo como tempo de aula, espaço físico na instituição escolar para metodologias além da sala de aula, aprovação da direção sobre esses métodos e também das expectativas envolvidas no processo, como o caso de docentes que veem nas aulas práticas uma forma metodológica mais eficiente mas, seus (as) estudantes não se adaptam ao mesmo por preferirem aulas apenas expositivas. (rever tamanho da frase..)

- O objetivo II é o que mais fragmenta o processo de ensino aprendizagem pois, apesar de estar entre os pilares do ensino fundamental no Brasil, o entendimento entre o ambiente natural e social está interligado com os conhecimentos a respeito da políticas, mas, até que ponto esses conhecimentos são discutidos em sala? Os métodos que tradicionalmente o sistema escolar atende esse objetivo é justamente



através de forma conteudista, sem reflexão dos assuntos em relação ao cotidiano dos (as) estudantes.

Esses pilares do ensino fundamental são trabalhados e pensados de formas abstratas pois, as dimensões naturais e sociais, são diferentes daquelas vividas pelos(as) educandos (as) configurando assim justamente o aprendizado para a escola declarar que “ensina” os objetivos do ensino fundamental. Entretanto, do que vale o conhecimento se ele não fizer sentido na vida desses(as) educandos (as)?

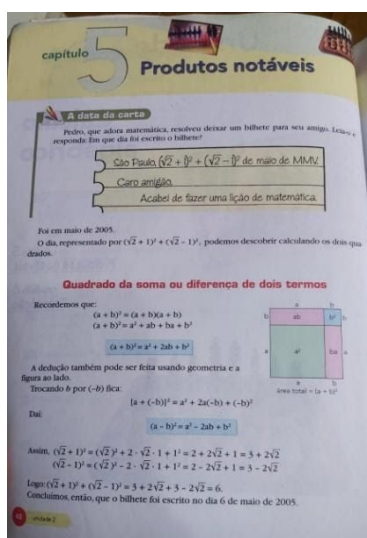
Parafrazeando Fáveri e Wolff (2014, p.22) a educação formal é concebida como um processo complexo, pautado na ideia de que a escola seja o espaço onde o indivíduo chega “nulo” e, a partir do conjunto de conhecimentos, pensados e categorizados por áreas e faixa etárias, transforma o educando em uma pessoa apta para a vida e, principalmente para o mercado de trabalho. Além dessas categorizações a relação de poder é o ponto central, onde Gabriel e Pereira destacam:

“As relações de poder estabelecidas dentro do contexto escolar sendo impostas ou não acabam influenciando o processo de ensino e de aprendizagem no momento de interação recíproca na construção do saber.” (2018, p.40)

Sob a perspectiva do Estado o conteúdo escolar e os materiais possuem relevância para todos (as) os(as) estudantes em idade escolar no Brasil, e para isso criou métodos de integração entre as unidades escolares e os planos nacionais, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (BRASIL, 1985). (quebrar a ultima frase em duas) Segundo o mesmo documento as unidades de ensino recebe os materiais distribuídos pelo MEC, conforme sua escola desde que os materiais seja aprovados em avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação e que conta com a participação de Comissões Técnica específica, integrada por especialistas das diferentes áreas do conhecimento correlatas, cuja vigência corresponderá ao ciclo a que se referir o processo de avaliação. Após todo esse trâmite os materiais chegam às unidades escolares e os(as) professores(as) que em sua maioria não tiveram participação

efetiva nessa escolha, seja pelas mudanças de contrato (contratados em caráter temporário) ou por mudanças em locais de trabalho, utilizam desse material como recurso didático, outros seguem fielmente o material seja por gostarem do mesmo ou por inexperiência enquanto docente, mas, esse material possibilita que os (as) educandos (as) aprendam? De modo a ilustrar algumas afirmações que faço, trago como exemplo o livro didático intitulado Matemática e Realidade do ensino fundamental, destinado a antiga 8ª série, atual 9º ano pois, o material é do PNLD dos anos 2008, 2009 e 2010, feita a análise do livro como todo, destaco o capítulo 5 com o conteúdo de produto notáveis, que tem como proposta de abertura um enigma, sendo somente uma hipótese de aplicação do conteúdo, que não é aplicada no cotidiano, não explora os exemplos para além da sala de aula, com isso torna-se cíclico, o conteúdo de sala como exemplo dele mesmo, sendo fechado, sem fazer ligação com o cotidiano do(a) estudante.

**Figura 1- Material Didático - Produtos Notáveis.**



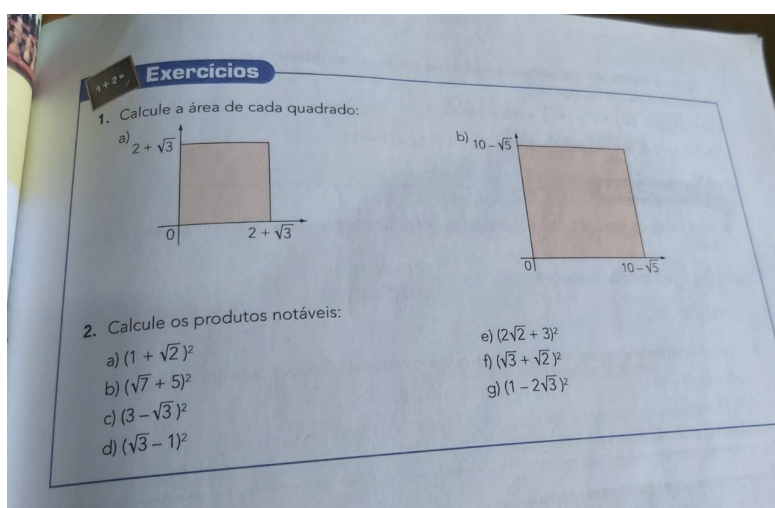
**Fonte:** LEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; MACHADO, Antonio, p.48.

A linguagem utilizada fica mais rebuscada a medida que o conteúdo é apresentado, por exemplo, ao explicar o que é um fator racionalizante o livro didático utiliza a soma e a própria raiz de um número para mostrar que o mesmo é irracional, entretanto a explicação traz apenas as linguagens matemáticas, logo pretende que o conhecimento seja adquirido a

partir de conteúdos matemáticos anteriores de forma abstrata sem parecer que esse conteúdo matemático tem ligação com a vida cotidiano.

Para a resolução do enigma traz a expressão matemática do “quadrado da soma ou diferença de dois termos”, sem explicitar por escrito seu significado, traz somente o exemplo através de equações, o que dificulta seu entendimento, já que o conteúdo partiu de uma ação abstrata. Após a explicação, o material encaminha um pequeno exercício:

**Figura 2- Exercício Produtos Notáveis**



**Fonte:** LEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; MACHADO, p. 49.

Assim os(as) estudantes aprendem os produtos notáveis para compor um conjunto de atividades que são próprias da escola, aprendendo apenas para mostrar ao sistema escolar que conseguiu decorar e atingiu nota para passar essa série escolar, fazendo um distanciamento entre conhecer e fazer significação do conteúdo com seu cotidiano. O material continua na mesma lógica de exemplos próprios do ambiente escolar, entretanto surgem alguns pontos cotidianos como informações ou exercícios extras, como:

Figura 3- Salário mínimo e a matemática

**Trabalhando com a informação**

Leia a seguinte reportagem publicada na revista *Veja* sobre o salário mínimo.

**Quem depende (e quem não) do salário mínimo**

Como ocorre tradicionalmente, o novo mínimo deve valer em 1º de maio. É possível que ele fique em torno de 270 reais. Isso é de 240 reais. O grosso dos salários mínimos, 14 a 33,2 milhões de pessoas tem a situação. Já entre os que continuam na área de pessoas sem diferença: a maior parte dos empregados da indústria privada e mesmo de alguns governos estaduais ganha mais que isso. Veja quanto recebem por mês alguns profissionais.

Padreito na Bahia	283 reais
Garçom no Rio de Janeiro	327 reais
Aprendiz de marqueteiro da Vale do Rio Doce	365 reais
Contínuo do governo paulista	403 reais
Metalúrgico participante do ABC paulista	451 reais
Caixa de supermercado em Florianópolis	480 reais
Operador de telemarketing	637 reais

Quantidade surpreendente de trabalhadores que ganham menos de dois salários mínimos por mês. Veja a seguir.

*Veja*, Editora Abril, 26/4/2004

Com base nas informações e sabendo que o valor definido para o salário mínimo no período de maio 2004/abril 2005 foi de R\$ 260,00, responda as questões:

- Qual foi o gasto da Previdência (INSS) só com pensões e aposentadorias de um salário mínimo mensal no período de maio/2004 a abril/2005?
- Qual o percentual de reajuste do salário mínimo?
- Sabendo que a população brasileira, segundo dados de 2000 do IBGE, é de 170 milhões, qual é a porcentagem de pessoas que recebem do INSS um salário mínimo mensal?
- Dos profissionais apresentados no quadro, qual recebia exatamente dois salários mínimos por mês?

Fonte:LEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; MACHADO, Antonio, p. 89.

Figura 4- Tarifas telefônicas

**A conta do telefone**

A conta mensal de um telefone fixo ou celular pós-pago é composta de duas partes: uma taxa fixa de R\$ 30,00 que é a chamada taxa de assinatura e mais uma parte variável que é de R\$ 0,25 por minuto de ligação. Como saber quanto deverá ser pago no final do mês se o valor depende do tempo de uso do telefone?

Para  $x$  minutos de ligação, paga-se  $(0,25 \cdot x)$  reais mais a taxa fixa de 30 reais. O valor  $y$  em reais a pagar é dado por:

$$y = 0,25x + 30$$

O valor da conta,  $y$ , é função do tempo gasto em ligações,  $x$ . Veja a tabela com alguns valores possíveis para a conta. No gráfico estão representados os pares da tabela.

Tempo de ligações efetuadas (min)	Valor da conta (em reais)
$x$	$y = 0,25x + 30$
0	30,00
10	32,50
20	35,00
30	37,50
40	40,00
50	42,50
60	45,00

capítulo 24 275

Fonte:LEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; MACHADO, Antonio, p.275

Entretanto cabe a incógnita por que as políticas públicas, que são responsáveis por formular e fornecerem esses materiais, distanciam tanto os conteúdos em sua maioria da realidade dos (as) estudantes? Por mais que esses materiais são distribuídos em nível nacional, aparecem poucos exemplos de cultura e lazer, como: o carnaval e o futebol. Como um livro de 352 páginas que traz mínimas ligações com o cotidiano possibilita um aprendizado significativo que ultrapasse o método “decoreba”? Com isso podemos ver que os próprios artefatos da organização escolar fazem com que os conteúdos sejam voltados para o ambiente escolar, fazendo com que o conhecimento adquirido seja para mostrar ao sistema escolar que o (a) estudante aprendeu.

Os conteúdos escolares em sua maioria não são pensadas a partir de sua realidade, visto que as unidades escolares tendem a atingir os parâmetros que a elas são impostas, como a Prova Brasil que a partir da edição de 2019 ficou nomeada como Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), onde a cada dois anos, estudantes do 5º e do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas da rede pública realizam uma prova padronizada, aplicada pelo Ministério da Educação (MEC), sendo um exame para estudantes do 5º e do 9º anos (antigas 4ª e 8ª séries) do Ensino Fundamental, que serve para avaliar o rendimento das escolas públicas do País. Testando o conhecimento dos alunos em língua portuguesa e matemática. (BRASIL, 2019). A proposta é justamente utilizar os resultados como parâmetros para detectar desigualdades nas escolas e entre elas. A partir disso, esses órgãos devem definir ações e direcionar recursos para corrigir essas distorções e melhorar a qualidade do ensino. (BRASIL, 2019). Entretanto em muitos lugares, o desempenho nas provas é justamente o que ocasiona a melhor destinação de recursos às escolas, sendo assim, esse meios de avaliação não se torna base para avaliar os rendimentos escolares, esses métodos de avaliação deveriam ser mais precisos sobre a realidade escolar, não somente através de uma avaliação, para que a distribuição de recursos fosse justamente para aquelas com mais necessidades.

## **2.2. Algumas críticas ao processo encapsulado do ensino e aprendizagem**

A sociedade sofreu inúmeras transformações através dos anos, seja na organização social, nas formas de viver, e até mesmo nas formas de concepção de mundo, mas como isso

se refletiu no âmbito escolar? Sendo um direito de todos o acesso ao conhecimento porque o ambiente escolar também não se modifica para atender essas transformações? Se a escola é o espaço de educar para a cidadania plena, porque distanciamos todas as transformações sociais do ambiente escolar? Estas questões refletem a dificuldade de aprendizagem dos (as) estudantes, como na fala inicial trazido pelo presente trabalho de conclusão de curso, na qual a estudante reflete sua irritação por estar no terceiro ano, do ensino médio, e não compreender como achar o valor do X, segundo Fáveri e Wolff (2014) [...] a educação reduz-se num processo de fragmentar e quantificar conhecimentos através dos processos de escolarização. Essa fragmentação é justamente a decifração do porque o que aprendemos na escola não é o conhecimento para a vida, mas sim a quantificação dos conhecimentos que tivemos acesso e minimamente decoramos para provar ao sistema escolar que estamos aptos a passar e fases a fim de ingressar no mercado de trabalho e exercer plenamente a cidadania. Conforme Engeström (2002, p. 186) o conhecimento adquirido na escola é em geral de uma qualidade tal que não consegue se tornar uma instrumentalidade viva para dar conta da multidão espantosa de fenômenos naturais e sociais encontrados pelos alunos fora da escola.

Venho por meio deste trabalho enunciar como essa relação posta no ambiente escolar influencia o ensino e a aprendizagem que está diretamente ligada a educação manualesca destacando Ribeiro et al. (2018) a instrução conforme os ensinamentos de Montaigne, também de forma prática, deveria educar para a vida, assim como entender o sentido e a substância das lições. A criança aprenderia, então, a expor de inúmeras maneiras o que aprendeu, uma vez que somente assim seu aprendizado será visível efetivamente, em seus escritos mostra a importância de que a escolarização é justamente o aprimoramento e deve ser organizada de maneira a dar significância entre os conteúdos escolares e da vida do(a) educando (a).

Contudo o que vemos em nosso cotidiano escolar é o distanciamento cada vez maior entre a realidade dos(as) estudantes e os conteúdos escolares, em conformidade com Engeström (2002, p.192) os alunos não chegam a escola como vasos vazios. Eles são expostos a constante bombardeio de informações vindas de múltiplas fontes, particularmente da cultura popular dos meios de comunicação. Com esse cenário, muitos pensadores debatem esse assunto a fim de mudar essa realidade pois, conforme Montaigne, em seus escritos ele registra a ligação entre pensamentos e as ações humanas estão vinculadas ao momento

histórico portanto a mesma pode transformá-las. Entretanto, Eugênio (2009) retrata que a importância dessas questões reside no fato de que as atividades desenvolvidas nas escolas não são neutras, o conhecimento trabalhado nelas é uma escolha de um universo muito mais amplo de conhecimentos e princípios sociais e reflete, logicamente, as relações sociais de poder na sociedade. As instituições escolares estão envoltas em contradições e suas práticas, repletas de significações, relações e contestações, o que faz do campo educacional e do currículo, um território contestado.

Porém este trabalho justamente traz o espaço educacional como algo que ainda é passivo de mudança, parafraseando Freire (1987), a educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo. Para haver mudança na educação os (as) docentes devem ser instigados a esse pensamento transformador, ser docente para além de reprodutor do sistema escolar, pensar possibilidade de mudança no pensar e no agir enquanto docente, pois, e na formação da escola básica que o contexto acerca da realidade deve ser entendido pelos (as) educandos (as) e com isso possam entender o contexto social ao qual estão inseridos e possam exercer sua cidadania plena, entretanto não aceitando tudo o que lhes é professado, mas possam entender e refletir sobre suas condições. Conforme, Fáveri e Wolff (2014):

“O papel do professor intelectual não é discursar e reproduzir, mecanicamente, o discurso universal da ciência, via textos ou livros didáticos, mas despertar, nos alunos, pensar o que fazemos e fazer diferente o que pensamos na realidade em que vivemos. Não se trata de conduzir os alunos a uma postura contra o saber em geral, mas, de perceber que, no mais específico do cotidiano, resulta saberes que estão direta ou indiretamente ligados ao saber em geral, isto é, o saber cotidiano passa a limpo o discurso científico desde sua forma mais conceitual até o saber universal, instrumentalizado para compreender, criticamente a realidade.” ( FÁVERI E WOLFF, p.106).

Ser um (a) educador (a) intelectual em meio ao sistema de ensino enciclopédico não se torna tarefa fácil, entretanto, os (as) estudantes necessitam de ver sua realidade nos conhecimentos científicos, pois, se aprendem apenas para mostrar ao sistema escolar que aprenderam, estes não serão capazes de entender sua própria realidade, suas condições sociais e até mesmo meios de modificá-las, é preciso dar sentido aos conteúdos escolares para haver sentido em se estar na escola. Segundo Engstrom (2002,p.186) a encapsulação pode ser

rompida organizando-se um processo de aprendizagem que leve a um tipo de conceito radicalmente diferente daqueles produzidos em formas anteriores de escolarização.

Conforme Lopes (2011, p.36) currículo formal é insuficiente para dar conta da multiplicidade de experiências internas e externas aos sujeitos, individuais e coletivas que compõem o currículo. Mesmo a relação ensino aprendizagem sendo influenciada por questões histórica e pelo próprio currículo, esta não está determinada logo pode ser modificada tanto da parte do (a) docente como dos (as) educandos (as) para que essa relação se desenvolva, mas, não existe “receita pronta” para que a relação seja de sucesso, cada turma tem suas especificidades, mas a escola não deve ser o ambiente de “podar” essas diversidades, seja o ambiente onde elas possam se expressar a fim de adquirir conhecimentos e construir uma nova sociedade. Porque a educação efetiva não é aquela que nos deixa habilitados para exercer determinada profissão ou deter um saber específico para realizar determinadas ações; mas, é aquela capaz de preparar-nos, de propiciar um norte e motivar o indivíduo para ser melhor na vida, nas emoções, nos sonhos, nos relacionamentos! (FÁVERI e WOLFF,2014, p. 20)

Como alternativa a essa escola cíclica que seus conhecimentos não saem da mesma, temos as metodologias da Educação do Campo, com sua base pedagógica pensada a partir das vivências dos (as) educandos (as) como meio para organização dos conteúdos, pois, todo conhecimento foi formulado a partir de vivências e indagações individuais e coletivas, até se constituir enquanto conhecimento científico e posteriormente conhecimento escolar.

### **3. EDUCAÇÃO DO CAMPO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO QUE SEJA PARA ALÉM DA ESCOLA**

A Educação do Campo surge da necessidade de visibilidade e significância dos povos do campo em um país que considera como atrasada a população que vive no meio rural. Essa desigualdade faz com que o ensino nas escolas nos meios rurais sejam precursores do pensamento de que o local que esses (as) educandos (as) vivem seja realmente atrasado e os(as) mesmos (as) devam procurar a modernidade, desvalorizando seus saberes, sua cultura. Sob esta situação manifestou-se a necessidade de uma educação voltada aos povos do campo,



mas, que sua proposta tanto pedagógica, quanto metodológica tivesse significância aos(as) estudantes. Portanto a Educação do Campo, segundo Arroyo et al. (2011) é uma proposta de educação básica que assumisse, de fato, a identidade do meio rural, não só como forma cultural diferenciada, mas principalmente como ajuda efetiva no contexto específico de um novo projeto de desenvolvimento do campo, tanto em relação a políticas públicas com em relação a princípios, concepções e métodos pedagógicos. Para que essa Educação do Campo atingisse as especificidades dos (as) educandos (as) foram formuladas as Licenciatura em Educação do Campo, com o objetivo de formação voltada às necessidades do campo.

Na Universidade Federal de Santa Catarina, o curso foi regulamentado em 2008 e por Educação do Campo entende-se que os sujeitos que vivem no campo têm direito a uma escola que possibilite, em articulação com as especificidades do Campo, a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos. Ou seja, as pessoas têm, não apenas, o direito a serem educadas no lugar onde vivem – no Campo; como também a uma educação pensada desde esse lugar – do Campo, com a participação de quem nele vive, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (UFSC, 2019).

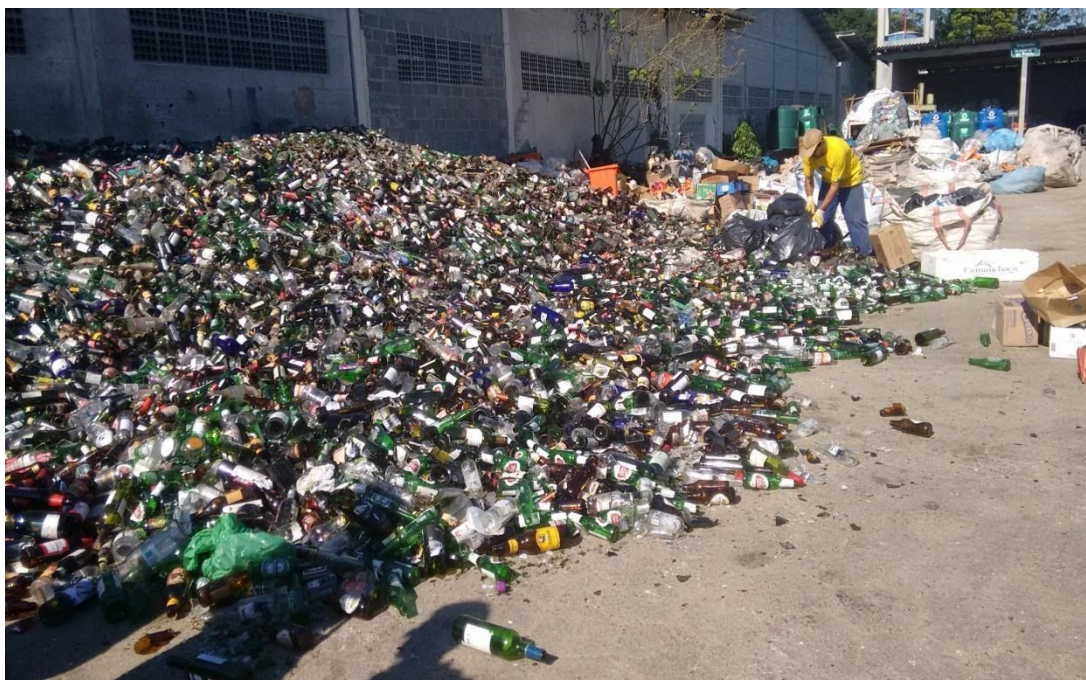
Com isso a Licenciatura em Educação do Campo - nas áreas de conhecimento Ciências da Natureza e Matemática foi criada, conforme consta em seu Projeto Pedagógico, com objetivo de formar educadores para atuação na educação básica, especificamente para as séries finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio em escolas do campo, aptos a fazer a gestão de processos educativos e a desenvolver estratégias pedagógicas que visem à formação de sujeitos humanos críticos, autônomos e criativos capazes de produzir soluções para questões inerentes à sua realidade, vinculadas à qualidade social do desenvolvimento de áreas rurais (UFSC, 2014).

Sob essa perspectiva a turma 7, Planalto Norte, foi formulada, e nas práticas às quais tivemos conhecimento no curso, mostraram justamente um caminho oposto a educação manualesca. Partindo do processo de ligação entre diferentes disciplinas com o mesmo conteúdo ou conteúdos semelhantes, assim compondo a interdisciplinaridade, fomos instigados a ouvir os (as) estudantes, investigar seu cotidiano, e com isso, descobrir e valorizar seus saberes, trazendo então o conhecimento científico, não como superior ao seu saber de vivência, mas como meio de aprimorar seus saberes.

A própria Licenciatura em Educação do Campo dívida em Tempos Universidades-TU e Tempo Comunidade- TC, realizou este mesmo processo com nós graduandos (as) onde aliamos o que víamos em nossas comunidades aos conhecimentos da universidade e assim vice e versa. Dentre as práticas realizadas no curso que superam essa encapsulação de ensino, destaco:

**Vivência 1.** Como parte da disciplina de Ciclo Biogeoquímico II, realizamos pesquisas sobre a formação e decomposição de materiais que utilizamos no nosso dia a dia, além da matéria orgânica, materiais como plástico, vidro, latas, etc. Foram realizadas pesquisas sobre os materiais que compõe as embalagens e a destinação das mesmas. Além das pesquisas e análise desses materiais, fizemos uma visita a Comcap - Autarquia de Melhoramentos da Capital, sendo a empresa responsável pela coleta seletiva de todos os bairros de Florianópolis, com essa visita pudemos ver em real proporção o quanto nosso consumo reflete no meio ambiente, e mesmo tendo estrutura para destinação desses materiais os recursos naturais serão afetados, pois, não são todos os municípios que possuem esta estrutura de destinação.

**Figura 5- Vidros recolhidos pela Comcap**



**Fonte:** Arquivo da autora

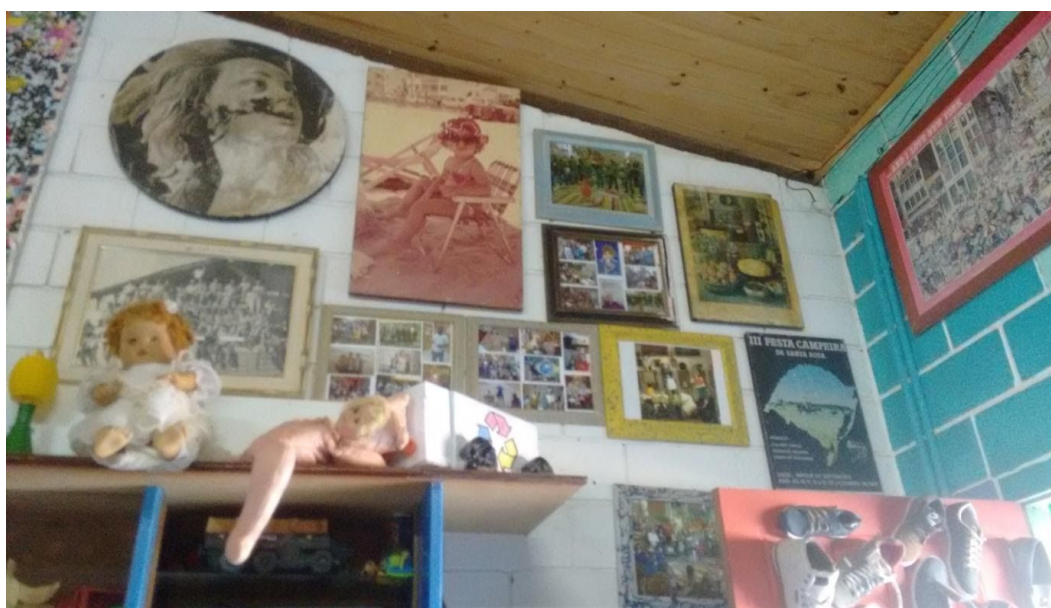
Nesta mesma visita, fomos ao museu do lixo, local também projetado pela Comcap, onde reúne vários objetos que para alguns se tornaram lixo e para outros arte.

**Figura 6 - Museu do Lixo**



Fonte: Arquivo da autora.

**Figura 7 - Lixo para uns, arte para outros.**



Fonte: Arquivo da autora.

**Vivência 2-** Com a disciplina de Fundamentos de Ciências da Natureza e Matemática II, foi realizada uma vivência através de um acampamento realizado em 2017, nele vimos na prática inúmeros conceitos das Ciências da Natureza e Matemática. Essa proposta de vivência é uma das ações como forma de aprendizado significativo, de tirar a abstração que muitas vezes é ocasionada pela relação ensino e aprendizado. Conforme Engestrom (2002, p.196) para romper esse encapsulamento da aprendizagem escolar seria necessário criar ferramentas intelectuais que os alunos podem tomá-las no mundo exterior e apreender as complexidades desse mundo com ajuda dessas ferramentas.

Essa vivência proporcionou um choque de realidade, pois ao estudar a importância da reciclagem dos materiais não nos damos conta de que o volume do qual estamos falando seja tão grande, com isso, a vivência supera a abstração dos dados apresentados sobre a geração de resíduos sólidos mas isso poderia ser trazido aos estudantes de diversas formas não somente através de visita, pois, essas vivências nem sempre são possíveis.

A disciplina de Ciclos Biogeoquímicos II, utilizou essa vivência para que nós estudantes começássemos a nos familiarizar com a interdisciplinaridade, processo nada fácil para quem sai de um ensino médio regular onde cada disciplina tinha seu “momento”, sua “caixinha de conteúdos”. Por isso, essa vivência fez o processo reverso ao invés de isolar cada disciplina ou tema, ela os agrupou nos mostrando a ligação entre os conceitos das Ciências da Natureza e Matemática.

**Figura 8 - Acampamento Licenciatura em Educação do Campo, turma 7.**



**Fonte:** Arquivo da autora.

**Figura 9 - Analisando o cotidiano, achando o conhecimento.**



**Fonte:** Arquivo da autora.

A possibilidade de adquirir conhecimento a partir daquilo que vivenciamos é enriquecedora, entretanto, não é somente através de saídas a campo que essas vivências são possíveis, existem inúmeras formas, mas que dependem do contexto que se insere, não somente do docente mas de todos da comunidade escolar, um repensar sobre a relação ensino e aprendizagem. Esse repensar está justamente ligado ao fato de reconhecer que os (as) estudantes chegam até nós com histórias, conhecimentos prévios, com saberes populares que muitas vezes, foram base para os saberes científicos.

As limitações dos livros didáticos estão justamente em desconsiderar todo e qualquer conhecimento que os(as) estudantes possam ter, isso por ser apenas uma ferramenta de auxílio, entretanto muitos docentes têm a mesma perspectiva o que faz com que, o encapsulamento aconteça, onde se distancia e se fragmente os conhecimentos de acordo com disciplina e ocorra a valorização somente dos conhecimentos ditos científicos. Em contrapartida as vivências da Educação do Campo valorizam os saberes prévios e nos mostram que o conhecimento/ produção científica não é algo que só acontece nos laboratórios mais equipados do mundo mas estamos fazendo/ usando ciência em nosso dia a dia e com isso somos capazes de nos apropriar dos conhecimentos já produzidos cientificamente e somos capazes de produzir ciência/ conhecimento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi evidenciar a necessidade de que o ensino regular seja repensado a fim de fazer significância para a vida daqueles que estão cursando, visto que, através da história as formas mais primitivas de escola tinha justamente o ensino para a sobrevivência e melhorar as condições do próprio cotidiano, por que ao melhorar os conhecimentos científicos perdemos essa essência de que a escola surgiu da necessidade cotidiana? A prática docente não tem uma fórmula pronta e trabalhar com seres humanos é uma tarefa intensa, onde se lidar com as diferenças e acontecimentos diários ligados a necessidade de ensinar os conhecimentos científicos se torna tarefa quase sobre humana. Para aqueles que aceitam esse desafio, acredito que o intuito seja realmente ensinar para a vida, com isso, a humanização presente nesse processo precisa ser evidenciada e valorizada.

Outro ponto importante a se considerar é justamente as contribuições da Educação do Campo como forma metodológica de aprender para a vida, onde cada sujeito (a) é valorizado (a) e a partir disso a construção do conhecimento ocorre de forma mútua, onde para além do conhecimento científico as relações estabelecidas no processo de ensino se tornam cada vez mais humana se distanciando do bloqueio entre os conhecimentos escolares e a vida cotidiana dos (as) estudantes.

Por fim, acredito que cada docente que ler este trabalho de conclusão de curso e minimamente repensar se suas práticas ensinam seus (as) educandos (as) a aprender para a vida terei atingido meu objetivo.

## 5. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez et al (Org.). **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 214 p.

BATISTA, G. A. **Montaigne: a fundamentação da educação nos moldes cétricos e estóicos**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (on-line), v. 95, n. 241, p. 497-507, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v95n241/03.pdf>>. Acesso em: 03/09/2019.

ENGESTROM, Yrjo. Como superar a Encapsulação da Aprendizagem Escolar. In: DANIELS, Harry et al. **Uma Introdução a Vigotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap. 7. p. 175-198.

EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. Currículo Oficial no Brasil: Uma Discussão Inicial. **Anais Navegando pela história da Educação Brasileira**, 2006.

FÁVERI, José Ernesto de; WOLFF, Celi Terezinha (Org.). **Filosofia da educação: O fundamento da prática de docência comprometida e transformadora**. Blumenau: Nova Letra, 2014. 175 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, G., CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores: excertos**. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação - CUT, 2005. Disponível em: <[http://redeescoladegoverno.fdrh.rs.gov.br/upload/1392215839\\_O%20TRABALHO%20COMO%20PRINC%3%8DPIO%20EDUCATIVO%20NO%20PROJETO.pdf](http://redeescoladegoverno.fdrh.rs.gov.br/upload/1392215839_O%20TRABALHO%20COMO%20PRINC%3%8DPIO%20EDUCATIVO%20NO%20PROJETO.pdf)>. Acesso em: 20/08/2019.

GABRIEL, Fábio Antônio; PEREIRA, Ana Lucia. Foucault e a Educação: Entre o poder disciplinas e as técnicas de si (é possível educar para a liberdade?). **Educação em Revista**,



Marília, v. 19, n. 2, p.27-44, 21 nov. 2018. Mensal. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/7110>>.

Acesso em: 02/08/2019.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning Edições Ltda, 2003. 136 p. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522114023/cfi/145!/4/4@0.00:57.4>>.

Acesso em: 21/08/ 2019.

LEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; MACHADO, Antonio. **Matemática e Realidade**. 5. ed. São Paulo: Atual Editora, 2005. 352 p.

LIMA, L. B.; SILVA, L. F. M. **Educação difusa: a primeira forma de ensinar**. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 4, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://seer.unipampa.edu.br/index.php/siepe/article/view/766>>. Acesso em:13/08/2019.

RIBEIRO, Max Elizandro dos Santos et al. **História da Educação**. Porto Alegre: SAGAH Educação S., 2018. 205p. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595024724/cfi/11/4/4@0.00:58.1>>.

Acesso em: 13/10/ 2019.

RUSSO, B. F. **Os impactos da Reforma Protestante na educação**. 58 f. Monografia (Bacharelado em Pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000896938>>.

Acesso em 25/07/2019.

SANTA CATARINA. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO. (Comp.). **Licenciatura em Educação do Campo (EduCampo) – Ciências da Natureza e Matemática**. 2009. Disponível em: <<http://licenciatura.educampo.ufsc.br/apresentacao/>>.

Acesso em: 17/10/2019.

